

31 OUT 1987

JORNAL DO BRASIL
Economia

Desconfiança com Constituinte inibe investimento estrangeiro

SÃO PAULO — O clima de desconfiança das empresas a respeito de como o novo texto da Constituição brasileira tratará o capital estrangeiro provocou uma grande retração dos investimentos no País. Os alemães, que já aplicaram US\$ 5 bilhões no Brasil, ficando atrás apenas dos norte-americanos, e chegaram a investir até US\$ 800 milhões anuais, vêm diminuindo bruscamente o montante de recursos para as empresas instaladas aqui. No ano passado, o total de investimentos ficou em torno de US\$ 150 milhões e, este ano, o volume deve ser ainda menor.

Esses números foram apresentados pelo presidente da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha e presidente da Bayer do Brasil, Rolf Lochner, para mostrar a preocupação das empresas de capital estrangeiro instaladas no Brasil em relação ao andamento dos trabalhos da Constituinte. Lochner e mais 30 presidentes de câmaras de comércio estrangeiras acabam de encaminhar um documento aos

559 constituintes, para reiterar a "imperiosa necessidade" de que a nova Constituição reconheça a integração das empresas de capital estrangeiro no mercado brasileiro, sem qualquer tipo de discriminação.

Idêntica posição já havia sido manifestada há alguns meses em outro documento, enviado aos integrantes da Comissão de Sistematização da Constituinte, assinado por Lochner, David Benadoff (então presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos) e Toshiro Kobayashi (presidente em exercício da Câmara de Comércio Brasil-Japão). No documento enviado na semana passada aos constituintes, os empresários citam um trabalho preparado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) sobre a importância do capital estrangeiro, apontado responsável, por exemplo, pelo recolhimento de 25% do Imposto de Renda sobre os lucros de atividades não-financeiras no

País; por 28% das exportações brasileiras de manufaturados; e com participação de US\$ 4 bilhões 700 milhões em impostos indiretos. Lochner entende que há "muita desinformação" a respeito da presença do capital estrangeiro e, por isso, um documento com essas informações é um subsídio importante para que os constituintes analisem o assunto. "Há empresas de capital estrangeiro que já estão radicadas há 90 anos no Brasil, como a Bayer, ou mais de cem anos, como a Siemens, e a exemplo de todas as outras, muito contribuíram para o desenvolvimento do País", ressaltou.

Dochner afirma que a situação é de "insegurança" para os empresários que estejam pensando em novos investimentos, porque não têm um parâmetro para direcionar os seus projetos. "Ninguém traz dinheiro novo nessa situação, porque os acionistas estrangeiros querem, primeiro, saber como vai ficar a reserva de mercado, o financiamento e outros itens", afirmou Lochner.